

O impacto do autismo na família: Uma análise da série Atypical

The impact of autism on the family: an analysis of the series Atypical

Bruna Cristina de Souza¹, Jasiele Aparecida de Oliveira Silva²

¹ Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Itajubá-FEPI, Av. Dr. Antônio Braga Filho, nº 687, Porto Velho, Itajubá–Minas Gerais.

brunasouza050101@gmail.com

² Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Itajubá-FEPI, Av. Dr. Antônio Braga Filho, nº 687, Porto Velho, Itajubá–Minas Gerais. jasiele_oliveira@yahoo.com.br

Recebido em: 12 de Novembro de 2021; Aprovado em: 20 de Dezembro de 2021

RESUMO

De acordo com o DSM-V (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders), o autismo é caracterizado pelo comprometimento qualitativo no desenvolvimento da comunicação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses restritos e repetitivos (American Psychiatric Association, 2013). Nas últimas décadas, a incidência no número de casos diagnosticado com autismo tem aumentado de forma significativa em todo o mundo, e um dos motivos para o agravamento do quadro é a descoberta tardia por parte dos pais. Quando criança, o indivíduo apresenta sintomas que podem ser identificados, porém, muitos pais por falta de informação ou não aceitação acaba os ignorando, o que pode prejudicar ainda mais o desenvolvimento da criança durante sua vida. No presente trabalho foi realizada uma análise acerca da influência que este diagnóstico pode ter na família e como isso reflete diretamente também na vida independente da pessoa com autismo, para isso foi feita uma pesquisa documental da série Atypical, da Netflix.

Palavras-chave: Autismo. Família. Análise. Impacto. Série Atypical.

ABSTRACT

According to the DSM-V, autism is characterized by impairment qualitative in the development of social communication and by the presence of restricted and repetitive behaviors and/or interests (American Psychiatric Association, 2013). In recent decades, the incidence in the number of cases diagnosed with autism has increased significantly around the world, and one of the reasons for the aggravation of the condition is the late discovery by the parents. As a child, the individual has symptoms that can be identified, however, many parents due to lack of information or non-acceptance end up ignoring them, which can further harm the development of the child during his/her life. In the present work, we analyze the influence that this diagnosis can have on the family and how this reflects directly on the independent life of the person with autism. For this was made documentary research of the Netflix series Atypical.

Key-words: Autism. Family. Analysis. Impact. Atypical Series.

Introdução

O autismo é um tema que embora tenha muito o que ser estudado, já conta com muitas pesquisas o abordando. Em contrapartida, a visão sobre o impacto deste diagnóstico na estrutura familiar e na vida particular de cada membro, ainda é um assunto que precisa ser analisado e discutido, tendo em vista que a família possui um grande impacto na vida do indivíduo diagnosticado com o espectro autista e em sua futura possível independência.

O transtorno do espectro autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, segundo o Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria – DSMV (2013), é caracterizado pelo comprometimento qualitativo no desenvolvimento da comunicação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses restritos e repetitivos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

De acordo com o DSM-V (2013), para ser diagnosticado o autismo, é necessário que se preencha alguns critérios que são: 1) Que o sujeito apresente déficits na comunicação e interação social, ou seja, dificuldade de se manter em relacionamentos e dificuldades em se comunicar de forma verbal e não verbal. 2)

Modelos limitados e repetitivos de comportamentos, atividades e interesses, como: falas, uso de objetos e movimentos motores repetitivos; padrões ritualizados de comportamento e rotinas fixas; e, comportamentos sensoriais incomuns. 3) Os sintomas devem estar presentes na primeira infância, mesmo que não se manifestem por completo.

O TEA é denominado “espectro” por abranger uma série de condições que incluem comportamentos diversos. Ele é subdividido pelo DSM-IV (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA – APA, 2002) em cinco grupos de diagnóstico: Transtorno Autista, Transtorno de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno de Asperger e Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra Especificação. Sendo o Transtorno Autista o quadro prototípico da categoria.

A manifestação do TEA pode ser por diferentes grupos, etnias e raças, porém, sua prevalência é maior no sexo masculino. Durante o primeiro ano de vida é possível notar alguns sinais de alerta no desenvolvimento da criança, como por exemplo, poucas expressões faciais, ausência do sorriso social e baixo contato visual aos 6 meses; ausência ou pouca imitação, não balbucia e não olha quando é chamado e nem para onde é apontado, aos 9

meses; ausência de atenção compartilhada, não apresentar gestos como dar tchau balançando as mãos, ausência de fala ou balbucios aos 12 meses. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019).

O núcleo familiar é o primeiro ambiente relacional do sujeito, então, por este motivo, possui grande influência na definição do comportamento de seus membros e na formação da personalidade de cada um (BUSCAGLIA, 1997). Portanto, toda mudança tem influência em cada membro e na família como um todo, a participação de um indivíduo sempre afeta o outro (FIAMENGGHI; MESSA, 2007).

O nascimento de um novo membro gera um grande impacto na estrutura familiar e em sua organização, onde essa implicação se torna ainda mais dramática quando a criança apresenta dificuldades na interação com o ambiente e com o outro, causadas muitas vezes por problemas orgânicos e genéticos (RODRIGUES; FONSECA; SILVA, 2008).

A princípio se acreditava que os pais eram os responsáveis pela síndrome do autismo nos filhos, o que levou a serem estudados e examinados psicologicamente. Foi considerada a hipótese de que para tratar o autismo seria necessária a remoção da criança do ambiente familiar, e também atendimento terapêutico aos pais.

(PEREIRA, 2011). Atualmente, essa teoria foi refutada, estudos mostram que não existe culpabilidade dos pais em relação ao autismo, e ainda os apontam como parceiros necessários para o desenvolvimento da criança e seu tratamento (SUMMERS; BEHR; RUTTER, 1979).

O autismo leva o meio familiar a interromper suas atividades sociais, o que pode gerar rupturas, mudando totalmente o clima emocional do ambiente (COHEN; WARREN, 1985). Isso ocorre porque a limitação de um dos membros, afeta não apenas a interação entre ele e os demais membros, mas também o relacionamento entre os outros indivíduos da família (YARROW et al., 1985).

Diversos estudos apontam a existência de um estresse agudo em famílias que possuem um de seus membros com diagnóstico de TEA (CUTLER; KOZLOFF, 1987; FACTOR; PERRY; FREEMAN, 1990; PERRY; SARLOMCGARVEY; FACTOR, 1992; SCHOPLER; MESIBOV, 1984). Dentre os itens avaliados nas pesquisas, é apontado que, o estresse dos pais está diretamente ligado a preocupações com seus filhos, essa preocupação é dividida em três tópicos: 1) a preocupação com o futuro dos filhos; 2) a possível dependência cognitiva e física deles para a vida toda; 3) aceitação no

ambiente social. Além desses fatores, os autores também justificam os níveis de estresse nessa população em especial, por causa da frustração das expectativas que os pais criam quando a criança nasce com aparência saudável, e também pelas poucas expectativas em relação a melhorias de tratamento (SCHMIDT; BOSA, 2003).

A série Atypical:

A série de comédia dramática teve início em agosto de 2017 pela Netflix e conta a história de Samuel Gardner (Keir Gilchrist), um rapaz de 18 anos diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) que trabalha e estuda, buscando cada vez mais sua independência.

Durante toda a série Sam busca alcançar sua autonomia, desde uma procura por sua primeira namorada, seu ingresso na faculdade, até uma viagem para a Antártida para iniciar um projeto com pinguins imperadores.

Sam conta com a ajuda de sua família, Elsa (Jennifer Leigh), uma mãe superprotetora, a qual se esforça para suprir todas suas necessidades. Seu pai Doug (Michael Rapapor), que o abandona após o diagnóstico do TEA, mas se arrepende e busca se reaproximar do filho e entender mais sobre o autismo. E Casey (Brigitte

Lundy-Paine) sua irmã mais nova e uma estrela do atletismo, que embora seja mais nova ela é acostumada a fazer o papel de irmã mais velha, sempre protegendo e defendendo seu irmão de outros adolescentes.

Material e Métodos

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa documental – pesquisa na qual dispõe de fontes mais variadas, sem tratamento analítico (FONSECA, 2002, p. 32). Na qual se analisou a série “Atypical”.

Foi usado como critério para o trabalho a relação entre Sam e sua família, para assim avaliar o impacto do autismo não apenas na pessoa que o tem, mas também em seu núcleo familiar e na vida individual dos que o cercam.

O trabalho foi realizado em duas partes: Primeiramente um estudo acerca do autismo e de famílias cujo um dos membros seja diagnosticado com TEA. E em segundo lugar, uma coleta de dados e análise destes a partir da série norte-americana “Atypical”.

Resultados e discussão

Análise da série

A série retrata o autismo de uma maneira descontraída buscando apontar os desafios encontrados na vida de um adolescente autista de alta funcionalidade e

de todos que o cercam. Visto que o intuito do presente artigo é uma análise documental do impacto do diagnóstico do autismo em todo o grupo familiar, serão consideradas apenas cenas que ilustrem este efeito em um dos membros.

Logo no primeiro episódio é possível apontar uma acentuada superproteção por parte da mãe de Sam quando descobre que ele está em busca de uma namorada.

Embora a psicóloga diga que pessoas do espectro autista também podem namorar assim como qualquer outra pessoa e que Sam só precisa sair mais, Elsa discorda disso dizendo que ele não é uma pessoa normal, a mãe ainda vai ao consultório da psicóloga para pedir que ela não fale mais sobre namoro, pois acha que seu filho ainda não está pronto para isso. No episódio, Elsa ainda conta que se assusta todas as vezes que o telefone toca, ela diz que sempre pressupõe que algo de ruim tenha acontecido com o filho. Essa superproteção pode ser vista durante toda a série, principalmente quando Sam decide ir morar sozinho e quando planeja ir para a Antártida na quarta temporada.

Um estudo realizado com crianças do espectro autista da cidade de São Paulo nos anos de 2016 e 2017 mostra que a partir do diagnóstico as mães se tornam as principais cuidadoras do filho autista, assumindo a

responsabilidade para o melhor cuidado da criança, tornando isso uma tarefa essencialmente sua e se doando inteiramente para o filho (MAPELLI et al., 2018).

A superproteção ocorre por todos os membros da família a partir do momento em que um deles é diagnosticado com autismo, não só pelos pais. Na série Sam tem uma irmã mais nova, que cresceu cuidando dele como se fosse a mais velha. No episódio 5 da primeira temporada, Casey ganha uma bolsa de atletismo para estudar em uma escola diferente do irmão, e embora seja uma grande oportunidade para seu futuro no atletismo, ela sofre um grande dilema por pensar em deixar seu irmão sozinho.

Durante toda a série a irmã busca cuidar de Sam, muitas vezes colocando as necessidades dele antes mesmo das dela. No episódio 9 da segunda temporada, é o aniversário de Casey e sua mãe faz uma grande festa surpresa, porém Sam tinha um ritual de aniversário que faziam todos os anos juntos. No decorrer da festa ela precisa lidar com conflitos pessoais, mas Sam insiste para que sigam a tradição, então a irmã procura deixar suas questões de lado para atender à vontade dele.

Embora seja citado por diversos autores a existência de um sentimento de ciúme por parte dos demais irmãos

(MARSHALL, 2014), um estudo mostrou que os sentimentos de amor, de preocupação e de paciência dos irmãos para aquele diagnosticado com autismo é unânime, apontando uma convivência mais fraterna entre os irmãos (PINTO et al., 2016).

Quando Sam é diagnosticado, seu pai não sabe lidar com a pressão de ter um filho autista e sai de casa por um tempo. No episódio 5 da temporada 4, a mãe de Sam conta como ele lidou com este abandono do pai, ela ainda diz que foi nessa época que Sam começou seu interesse por pinguins e quando começou a desenhar o “carinha”, um boneco que recebeu este nome por ser como o pai o chamava, por não saber se expressar verbalmente, ele desenhava o boneco em situação que ilustravam como estava se sentindo. Segundo MAPELLI et al (2018), após o diagnóstico o pai tende a ficar na retaguarda, assumindo um papel limitado na vida do filho.

Já no episódio 5 da primeira temporada, é contado que Doug escondia de todos seus colegas de trabalho, até do que era seu amigo há anos, que tinha um filho autista.

Na literatura sobre o tema, é relatado que existe uma grande dificuldade de aceitação por parte dos pais quando se tem um filho diagnosticado com aspectos diferentes dos demais. Pressupõe-se que

quando ocorre uma doença ou deficiência em um dos integrantes do grupo familiar, sucede uma vinculação de aspectos emocionais e atitudinais, assim como: choque, negação, depressão, adaptação e reorganização (KLÜBER-ROSS, 1996).

Por fim, Sam sempre contou com apoio psicológico, primeiro com sua psicóloga Julia (Amy Okuda), e depois com um grupo de apoio da escola que o acompanhou até a faculdade.

Desde que foi diagnosticado a mãe de Sam também participava de um grupo com outras mães com filhos diagnosticados com autismo, e mais tarde Doug além de participar forma um grupo de treinamento que procura ensinar a melhor maneira para se lidar com pessoas autistas respeitando suas dificuldades.

Segundo Klüber-Ross (1996), é preciso esforços cognitivos e comportamentais para lidar com situações vistas como ameaçadoras para indivíduos com autismo. O papel do psicólogo é fazer com que o sujeito com TEA se sinta capacitado para lidar com as dificuldades do cotidiano (SOUZA et al. 2004).

O momento do diagnóstico na vida de uma família pode ser extremamente conflitante, permeado por inúmeras sensações e sentimentos, como frustração,

insegurança e medo, principalmente quando se trata de uma criança.

A partir da análise feita na série, foi possível observar como a negação é um dos mais fortes sentimentos no momento da descoberta do autismo, o que se pode gerar um conflito até mesmo no matrimônio dos pais, onde se um dos pais não se sente preparado pode vir a abandonar a família, como aconteceu com o pai de Sam que no momento da descoberta do TEA se afastou de toda a família por meses.

Quando o filho é diagnosticado com autismo, devido à falta de informação os pais podem se desesperar e como uma estratégia para cuidar da criança se voltam para ela e involuntariamente se afastam. Essa preocupação voltada inteiramente para o filho pode causar um afastamento não apenas no casamento, mas também do grupo social que estavam inseridos, sem notarem, toda a família passa a viver em prol das necessidades e vontades da criança, se adaptando totalmente a ela.

Com todo o medo e preocupação, surge também a superproteção. A família tem medo de que o membro com autismo sofra então o privam de situações que julgam estressantes para ele, mais do que isso, passam a se privar de mudanças e oportunidades para a própria vida, com anseio de se afastarem daquela pessoa,

sentindo assim que estão a abandonando. Em *Atypical*, quando a irmã de Sam ganha uma bolsa de estudos, por exemplo, ela se culpa por abandonar o irmão apenas por aceitar ir para outra escola.

Quando a família readapta toda a rotina da casa para evitar ao máximo os eventos estressores para a pessoa com autismo, inconscientemente causam um atraso no desenvolvimento dele, visto que ele é privado de tudo aquilo que pode o ensinar a se adaptar e evoluir. Isso pode ser visto quando Sam decide arrumar uma namorada, ir para a faculdade, morar com um amigo, ou até mesmo viajar sozinho, ou seja, tudo que foge do controle dos que cuidam dele, especialmente a mãe.

No momento em que a família se instrui de informações sobre o TEA e passam a ter contato com outras realidades de pessoas que também passam por isso, fica mais fácil entender que com acompanhamento todos podem se desenvolver e serem funcionais. Na série, o grupo de apoio para os pais e para os próprios adolescentes evidência como um local com informações e apoio pode tornar a vida não só do autista, mas também de toda a família mais descomplicada.

Vale ressaltar a importância de um psicólogo na vida não só da pessoa com TEA, mas de todo o grupo familiar. Com o

diagnóstico vem também o medo, e com informação todos podem entender como o autista pode ser funcional e independente.

Essa é a principal mensagem da série, a importância do conhecimento acerca do tema. Não apenas o Sam, que é o personagem principal, mas todos os autistas se desenvolvem e vivem muito melhores quando estão cercados de pessoas que os ajudam a se adaptarem.

Conclusão

A partir das pesquisas e análise feita em relação ao tema, pôde-se compreender o impacto que o diagnóstico pode causar em todo o grupo familiar, visto que o medo e a aceitação deste podem repercutir em toda a trajetória não só do indivíduo diagnosticado, mas de toda a família, e como isso vai ser vivenciado.

O processo de aceitação se torna mais difícil devido a precariedade das informações quanto ao autismo na hora do diagnóstico, o que reafirma a necessidade de uma psicoeducação voltada para o apoio e orientação por parte dos profissionais que noticiam e acompanham o caso.

O profissional psicólogo é essencial tanto no momento do diagnóstico quanto ao decorrer da vida, assegurando assim o indivíduo de sua funcionalidade e capacidade de vivenciar os mais diversos

desafios impostos pela sociedade. E para a família como um apoio fundamental.

Por fim, enfatiza-se a importância de se esclarecer todas as dúvidas dos familiares e envolvidos neste momento, para minimizar os anseios e prepará-los para a melhor adaptação da nova rotina, assim como informações acerca das políticas públicas que os asseguram.

Referências

ANDRADE, A.; TEODORO, M. Família e Autismo: Uma Revisão da Literatura. *Contextos Clínicos*, [S. l.], p. 133-142, jul./dez. 2012. DOI 10.4013/ctc.2012.52.07.

ATYPICAL. Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. [S. l.]: Netflix, 2017. Disponível em: <https://netflix.com/atypical>. Acesso em: 29 ago. 2021.

BALDOINO, N. M.; MENDES, D. F. O COTIDIANO DE PESSOAS COM TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA DE ALTA FUNCIONALIDADE: uma análise da Série Atypical. *Rev. Psicologia Saúde e Debate*, [S. l.], p. 338-345, dez. 2020.

BOARATI, Miguel Angelo; PANTANO, Telma; SCIVOLETTO, Sandra. *Psiquiatria*

- da infância e adolescência: Cuidado multidisciplinar. [S. l.]: Manole Ltda, 2016.
- FERREIRA, L.; SILVA, A.; BARROS, R. Ensino de aplicação de tentativas discretas a cuidadores de crianças diagnosticadas com autismo. *Revista Perspectivas*, [S. l.], p. 101-113, 2016.
- GERHARDT, T.; SILVEIRA, D. Métodos de Pesquisa. Editora UFRGS, [S. l.], n. 1, p. 1-120, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.
- MAPELLI, L. D. et al. Child with autistic spectrum disorder: care from the family. *Escola Anna Nery*, v. 22, n. 4, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zxYG5PMxypVZf4YJSfjgyYg/?lang=pt#>. Acesso em: 09 set. 2021.
- MINATEL, M. M.; MATSUKURA, T. S. Famílias de crianças e adolescentes com autismo: cotidiano e realidade de cuidados em diferentes etapas do desenvolvimento. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 126-134, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/65682>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- ONZI, F.; GOMES, R. Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. *Caderno pedagógico*, Lajeado, [S. l.], p. 188-199, 2015.
- PEREIRA, C. Autismo e família: participação dos pais no tratamento e desenvolvimento dos filhos autistas. *Facene/Famene*, [S. l.], p. 51-58, 2011.
- RODRIGUES, L.; FONSECA, M.; SILVA, F. Convivendo com a criança autista: sentimentos da família. *RemE –Rev. Min. Enferm.*, [S. l.], p. 321-327, jul./set. 2008.
- SCHMIDT, C.; BOSA, C. A investigação do impacto do autismo na família: Revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. *Interação em Psicologia*, [S. l.], p. 111-120, jul./dez. 2003.
- SPROVIERI, M. H. S.; ASSUMPCAO JR, F. B. Dinâmica familiar de children autistas. *Arq. Neuro-Psiquiatr.*, São Paulo, v. 59, n. 2A, pág. 230-237, junho de 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2001000200016&lng=en&nrm=iso. acesso em 28 de maio de 2021.